

ESTRESSE FAMILIAR: RESILIÊNCIA E VULNERABILIDADE

Hélio Soares de Brito*

RESUMO: *Este estudo analisou perfis de famílias resilientes e vulneráveis ao estresse de um colégio de ensino fundamental da rede particular da cidade de Salvador. O estresse familiar define-se como um estado derivado de um desequilíbrio na estrutura e dinâmica familiar. As famílias resilientes estão sujeitas aos eventos estressores, mas dispõem de recursos pessoais, familiares e da rede social de apoio (fatores protetores) que as ajudam a enfrentar as dificuldades e sair delas mais fortalecidas. As famílias vulneráveis, ao contrário, fragilizam-se e desmoronam por insuficiência desses recursos (fatores de risco). Considera-se que os fatores protetores e de risco correlacionam-se com a estrutura e dinâmica interna da família e a maioria dos casos que recorrem à terapia são decorrentes de tensões intrafamiliares. A metodologia seguiu a orientação da pesquisa qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas, genogramas, realização de Entrevista Estruturada Familiar (EFE,) de Terezinha Carneiro e aplicação dos instrumentos "Como é tua família" e "Como é sua família", de Ângela Hernández. Foram estudadas 12 famílias de adolescentes e deste total foram selecionadas 6 famílias com problema, isto é, cujos filhos apresentaram problemas de aprendizagem ou de comportamento ou cujas famílias não eram consideradas facilitadoras do desenvolvimento emocional dos filhos, conforme os critérios do Colégio; e 6 famílias sem esses problemas. Os resultados parciais, aqui limitados à análise da EFE, sugerem que as famílias sem problema tendem a ser mais resilientes que as famílias com problema. Apesar de não apresentar diferenças estatisticamente significativas, a EFE revelou-se um instrumento sensível ao indicar a tendência dos grupos familiares se constituírem em dois grupos distintos.*

Palavras-chave: Estresse Familiar; Resiliência; Vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisou perfis de famílias resilientes e famílias vulneráveis ao estresse no contexto da vida cotidiana de famílias de um colégio da rede particular da cidade de Salvador. A família vem enfrentando várias situações de estresse decorrentes de mudanças significativas com o surgimento da pós-modernidade. São mudanças tanto do macrossistema, como da estrutura e dinâmica familiar que afetam o número de seus componentes e redefinem-se suas estruturas de papéis, normas e valores (DONATI, 1998; CARVALHO, 2002; PETRINI, 2003). Algumas famílias, ante a crise ou estado persistente de estresse, podem ser vulneráveis e desmoronar, enquanto outras são resilientes, isto é, emergem delas mais fortalecidas e com maiores recursos (WALSH, 1998). Como as famílias vêm enfrentando esses problemas? Será que a investigação de estruturas familiares poderão oferecer indícios de adaptabilidade e vulnerabilidade no enfrentamento de situações de estresse?

Será que os instrumentos atuais são confiáveis para diferenciar as famílias resilientes das vulneráveis ao estresse?

São, pois, propícias as condições para a análise do problema específico deste estudo:

* Mestrando em Ciências da Família da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, tendo como orientadora a Professora Dra. Célia Nunes Silva. E-mail: heliobrito@castroalves.br

Quais são os perfis de famílias resilientes e famílias vulneráveis ante as situações de estresse no contexto da vida cotidiana?

O fenômeno recortado como objeto de estudo inclui na sua unidade de análise:

- a) a identificação de alguns estressores familiares;
- b) a identificação de alguns fatores protetores e de risco no enfrentamento do estresse familiar, como a disponibilidade de recursos pessoais, familiares e da rede de apoio social, com atribuição de causalidade e significado às várias situações identificadas e, finalmente, a situação resultante do estresse;
- c) a análise comparativa dos perfis de famílias resultantes da pesquisa.

Foi realizada uma revisão dos modelos teóricos que contribuíram para o estudo do estresse familiar como a teoria do sistema (MINUCHIN, 1980; BOWEN, 1991; FALICOV, 1991; OLSON in: PITTIMAN, 1991; MERINFELD, 1995); as investigações envolvendo os conceitos de situação de risco, fatores protetores, fatores de risco, resiliência e vulnerabilidade (WALSH, 1993, 1998; VANISTENDAEL, 1999; QUINTERO, 2001; JUNQUEIRA, 2003); alguns trabalhos realizados no Brasil (CERVENY, 1997; SILVA, 1997; CARNEIRO, 1983).

O estudo diagnosticou perfis de famílias resilientes e vulneráveis ao estresse na vida cotidiana, identificou alguns indicadores da estrutura, dinâmica, valores, crenças e problemas da família; detectou alguns estilos familiares no enfrentamento de problemas, referentes aos recursos utilizados; comparou os perfis de famílias resilientes e vulneráveis ao estresse.

A investigação foi amplamente justificada, a fim de favorecer a melhor compreensão do tema, verificar a confiabilidade dos instrumentos utilizados e a promoção do trabalho preventivo.

Foram utilizados métodos qualitativos com entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. O tratamento estatístico utilizado serviu apenas como suporte para análise das famílias estudadas, pois o número de casos não foi representativo para fazer inferências mais generalizadas e conclusivas. Os dados foram processados em computador, através do programa Statistical Package for the Social Sciences – SPSS for windows, release 10.0.7.

Os pressupostos foram os seguintes: a família resiliente é eficaz no enfrentamento de estresse, pois dispõe dos seguintes fatores protetores: a) recursos pessoais como autonomia, auto-estima, relacionamento social positivo, alto grau de satisfação dos familiares com diferentes aspectos de suas vidas; b) recursos familiares, como coesão, regras explícitas e coerentes, comunicação congruente, papéis adequados, liderança flexível e democrática por parte dos pais; expressão de sentimentos de agressividade e afeto; ausência de graves conflitos, adoção de valores humanistas e éticos; c) recursos da rede social de apoio natural e profissional para dirimir conflitos, adaptar-se às mudanças externas e do seu ciclo vital; d) finalmente, ausência ou redução de problemas de saúde e de comportamento.

A família vulnerável, ao contrário, não dispõe de suficientes recursos pessoais, familiares e da rede social de apoio natural e profissional para dirimir e minimizar conflitos, adaptar-se às mudanças externas e do seu ciclo vital e prevalecem problemas de saúde e de comportamentos.

Foram estudadas 12 famílias com filhos de idade entre 12 a 18 anos matriculados num colégio de ensino fundamental da cidade de Salvador. Desses casos, foram selecionadas, de acordo com os critérios da escola, 6 famílias com problema, isto é, cujos filhos apresentaram problemas de aprendizagem, ou de comportamento ou as famílias não foram consideradas como facilitadoras do desenvolvimento emocional dos filhos e 6 famílias consideradas sem problema por não apresentarem essas dificuldades. O nível sócio-econômico apresentou a renda familiar entre 5 e 30 salários mínimos e os pais com a escolaridade de 1º grau completo ou curso superior.

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) o Genograma e Cronologia da família. Os genogramas são retratos gráficos da história e do padrão familiar. A cronologia da família consiste em uma listagem de

fatos que afetam os indivíduos ou a família como um todo (CARTER e McGOLDRICK, 1995);

- b) a Entrevista Familiar Estruturada (EFE), de Carneiro, (1983), visa investigar os padrões básicos do funcionamento familiar. As categorias de avaliação são as seguintes: comunicação, conjunto de regras, definição de papéis, liderança, conflitos, manifestação de agressividade, afeição física, interação conjugal, individuação, integração, auto-estima e interação familiar facilitadora de saúde emocional;
- c) - os questionários de Hernández (1996) servem para medir os indicadores de saúde e avaliar a adaptabilidade e a vulnerabilidade familiar, visando o diagnóstico e o prognóstico. Apresentam formas paralelas: uma para os adolescentes, chamada "Como é tua família" e a outra para os pais e mães, denominada "Como é sua família".

Foi realizado um pré-teste dos instrumentos de pesquisa com 2 famílias. As EFEs contaram com a participação de um entrevistador e um observador e o questionário de Hernández foi aplicado de forma auto-administrada. As mães e uma tia participaram das entrevistas de Genograma. Ao todo foram realizadas três entrevistas com cada família, com duração total de aproximadamente 3,30 h. A transcrição e digitação da EFE foram realizadas com ajuda de gravador.

Para análise e interpretação dos dados, foram construídas categorias de análise, determinados e comparados os vários perfis de famílias encontrados. Foram também realizadas análises de confiabilidade dos instrumentos utilizados e, posteriormente, foram comparados os resultados obtidos com os critérios externos da Escola.

DESENVOLVIMENTO

Serão aqui apresentados e analisados apenas os resultados parciais da EFE. O tratamento estatístico, conforme foi descrito anteriormente, serviu apenas como suporte para análise das famílias estudadas. Foram utilizados os seguintes procedimentos: a) o método de consistência entre os julgamentos dos dois juízes (EFE); b) a análise de consistência interna inter-itens das 12 categorias e dos 31 itens da EFE; c) finalmente, foram relacionados os resultados obtidos com os critérios da Escola.

A EFE apresentou um grau de confiança aceitável, tanto na análise dos julgamentos dos dois juízes, conforme correlação produto momento de Pearson, quanto na análise de consistência interna dos itens e das 12 categorias, através da análise Alpha de Cronbach. A correlação entre os julgamentos dos juízes obteve níveis de significância considerados regular, bom e alto na maioria dos itens (77,0 %). Esta consistência foi confirmada com a boa significância obtida no item 31, família facilitadora de saúde emocional, $r = 656$, que engloba todos os demais itens. A análise de consistência interna interitens foi considerada de boa a regular na maioria das categorias, com exceção da categoria 4 e obteve alto nível de consistência, Alpha = .9597, a análise de todos os itens da EFE.

Para análise entre os julgamentos dos juízes e os critérios da Escola, foi realizado o teste do Q^2 . Será aqui apresentado, em gráfico, o cruzamento entre as médias das famílias com problema e das famílias sem problema:

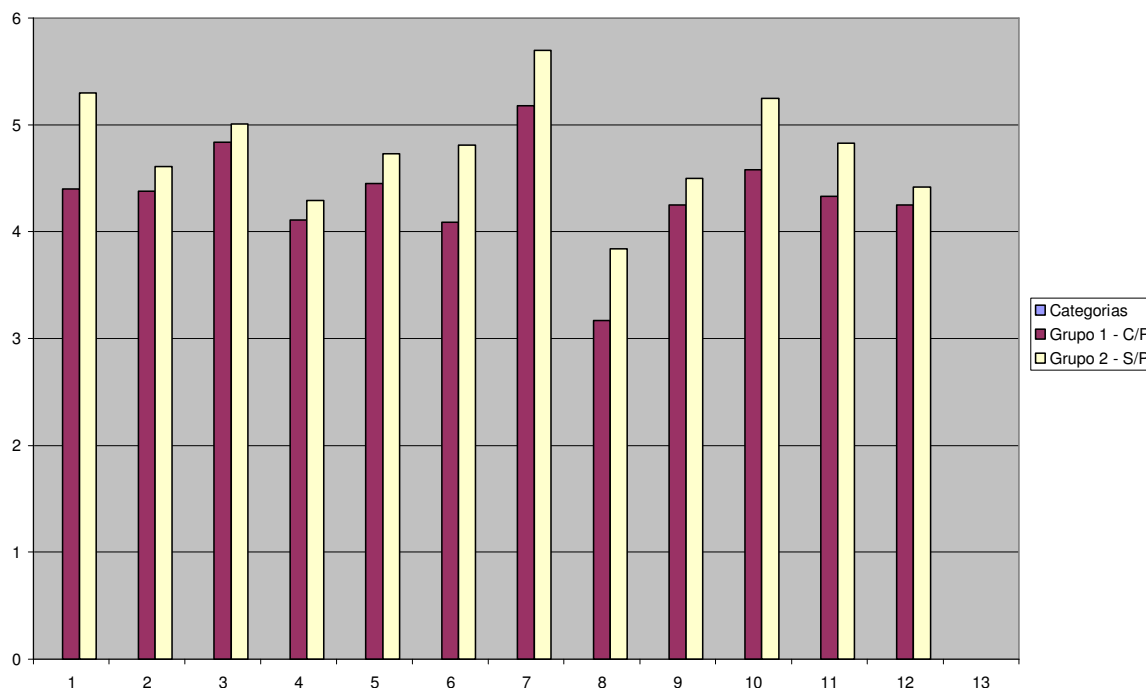


Gráfico 1 - Cruzamento das famílias com problema (G-1) e famílias sem problema (G-2).

Categorias

1 Comunicação	5. Conflitos	9. Individualização
2. Regras	6. Manifestação de agressividade	10. Integração
3. Papéis	7. Afeição física	11. Auto-estima
4. Liderança	8. Interação conjugal	12. Interação familiar

Comparando as famílias com problema (G-1) com as famílias sem problema (G-2), pode-se destacar no gráfico acima: a) a predominância de fatores protetores mais elevados das famílias sem problema; b) os maiores fatores protetores dos dois grupos familiares; c) o maior fator de risco de ambos os grupos.

a) Predominância de fatores protetores das famílias sem problema. A comunicação é mais democrática, congruente e direcionada aos membros familiares e propicia um clima mais positivo para a convivência e a integração familiar (cat. 1 e 10). Por exemplo, na tarefa 2, “Quando você está fazendo uma coisa qualquer, mas fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz”, o esposo da família 2, (família sem problema), assim se manifestou:

Geralmente eu peço ajuda. Uma coisa difícil, geralmente eu falo com a esposa a decisão que a gente tem que tomar corriqueiramente. Por exemplo, como foi F (nome da esposa)? Teve um passeio dela, que eu perguntei a ela: "e aí o que você acha?". Quando se trata de uma decisão da família a gente sempre conversa: o que é que você acha, deve ir, não deve ir?"
A esposa confirma: Tem que ser assim, porque se não for... muitas vezes só, sem ter o outro, é até pior...

Já na família com problema, a mãe da família 11, apoiada pelos demais familiares, comenta (tarefa 2):

A gente briga, mas na hora da verdade todo mundo ajuda... Lá em casa tá todo mundo estressado. Então não pode provocar qualquer besteirinha. É uma coisa explosiva.

O filho aprova a fala da mãe dizendo: É espontâneo, fala ao mesmo tempo, responde ao mesmo tempo.

A mãe dirigindo-se depois ao filho: Agora esse aqui precisa respeitar os mais velhos. Ele não era assim, ele não respeita mais nem a mim, nem a avó, nem a tia. Ele se acha...ele acha que todo mundo tem que respeitar ele. Para ele homem não tem que respeitar ninguém.

Inquirido pelo entrevistador sobre as palavras da sua mãe, responde o filho:

Eu acho que por um lado...ela está certa e por outro... Mas o lance é que nenhuma das 3 (a mãe, a tia e a avó) querem me ouvir, querem sempre dar a sua patada e não querem me deixar falar. Por isso eu me irrita.

A mãe desta família prossegue em suas queixas explicitando o conflito de papéis existente: Ele (referindo-se ao filho) foi criado com 3 mães e um pai. Mas a mãe sou eu. Então eu fico chateada porque quando eu vou falar com meu filho, aí vem todo mundo. Eu não tenho direito de dizer o que eu quero, o que ele deve fazer e o que não deve. Então eu fico sempre chateada, me irrita com isso, porque eu acho que eu tenho razão. Eu me sinto como se fosse uma menininha e não fosse a mãe.

Vários autores enfatizam a importância da comunicação para o bom funcionamento da família. Carneiro (1983) considera a comunicação facilitadora de saúde emocional, quando congruente, clara, direcionada aos membros familiares e com carga emocional adequada, isto é, quando há sintonia entre conteúdo, forma e emoções entre o emissor e receptor das mensagens. A importância da comunicação é ressaltada por vários autores: Cartwright e Zander (1975) referem-se à importância da comunicação para a estrutura e realização eficiente do grupo; Minuchin (1980) considera a família como um sistema regulado por padrões transacionais, constituído de subsistemas e delimitados por fronteiras; Olson (1991), de acordo com o Modelo Circumplexo, considera a comunicação familiar essencial para a coesão e adaptabilidade familiar; Walsh (1998), na definição de resiliência familiar, valoriza os processos interativos, onde inclui a comunicação franca; Cerveney (1997) enfatiza a importância do diálogo entre os filhos e cônjuges em estudo sobre o ciclo vital da família.

b) Os maiores fatores protetores dos dois grupos familiares. Os dois grupos, com e sem problema, contam como fator protetor mais elevado a demonstração de afeto e contato físico entre os membros familiares. Por exemplo, na tarefa 6, quando os participantes deveriam escolher uma ou várias pessoas da família para manifestar que gostam do outro sem uso da palavra, os componentes da família 2 (família sem problema) assim se manifestou: o filho maior levanta-se, abraça a mãe; o filho menor levanta-se e abraça o pai; os irmãos se abraçam; o filho maior abraça o pai e o filho menor abraça a mãe, que comenta:

Mãe: Tá difícil porque esses quatro se gostam muito. Fica difícil escolher uma pessoa só.

Entrevistador: Mas pode escolher uma ou pode escolher todas. (Pausa).

Entrevistador: Querem comentar?

Mãe: Lá em casa o pessoal diz que é umas frescuras que eu tenho com meus filhos... (risos) a gente tem muito negócio de carinho... às vezes eu falo "hum", eles sabem que aquele "hum" é um carinho que eu tô dando pra eles. Às vezes eu digo: "ô meu filho venha pra cá assistir televisão com mamãe!" Aí ele fica calado e faz "hum", aquele "hum" é porque ele sabe que é um carinho que eu tô querendo que ele venha pra cá... a gente tem essa mania. Às vezes nem (...) mas

se é um “hum” que faz, aí eu chamo eles de Gulú, chamo de Tinho, tantas coisas, essas besteirinhas de mãe que o pessoal fica comentando: “oh seus filhos já tão rapaz e você chamando de Gulú!” (Risos). (Os apelidos carinhosos foram modificados para evitar a identificação).

Já na família 11 (família com problema), a mãe, ao manifestar afeto, assim se expressou: “os brutos também amam”. Os membros da família a seguir manifestaram afeição física: a mãe segura o filho e o beija; a tia também puxa o sobrinho e beija; as duas irmãs se abraçam. O neto vai para o colo da avó, beija-a e diz: “Esta me livra de um bocado de coisa”. A mãe acrescenta: “a avó lhe dá o dinheiro, quando digo que não vou dá, ela dá”.

Carneiro (1983) fundamentada em vários autores, define afeição física como um tipo de comportamento não-verbal, manifestado pelos membros da família, através de contatos físicos carinhosos, para expressar o amor que sentem uns pelos outros e fundamenta-se em vários autores.

c) o maior fator de risco de ambos os grupos. A integração conjugal, por outro lado, é o maior fator de risco nos dois grupos familiares, ou seja, é pouco gratificante e pouco diferenciada como uma unidade conjugal dentro do sistema familiar. Exemplo, na tarefa 3, a esposa da família 12 (*família sem problema*) fez os seguintes comentários com relação ao marido:

Sabe o que é, no dia que fez 23 anos que nós estamos juntos, aí quando eu fui dar parabéns pra ele eu disse assim: -Eu não sei se lhe dou pêsames ou se lhe dou parabéns! Mas eu não falei isso em tom que nosso relacionamento merecesse pêsames não. A expressão não é essa aturar mais da gente, as lágrimas, sorriso e tudo e ele que interpretou por ser uma coisa ruim, mas não foi isto [risos]. Talvez pela diferença de idade(...) O que realmente desgastou a relação é que eu me sentia uma viúva de marido vivo, de dizer assim,: -“Cadê o seu marido?” -“Ah, não veio!” - “Não veio por que?” - “Porque não quis”. Sempre você tá dando desculpa pra alguém... a cama é só cama com tudo aquilo na sua cabeça não acontece nada. Na minha relação pra ele ficou muito ruim mesmo. Elas (as filhas) sofreram muito e aí a gente conversou e eu voltei (a esposa voltara após abandono provisório do lar). O que me incomodava antes, hoje já não me incomoda. A falta dele comigo ele sai ... de viajar antes me incomodava, hoje não me incomoda mais.

Os comentários da família 9 (família com problema) sobre a relação conjugal:

Filho: Meu pai, eu brinco, converso e tudo, mas... os meus problemas assim que eu tenho, eu direciono mais pra minha mãe mesmo.

Mãe: Porque ele é muito radical.

Filho: A cabeça dele é muito...

Mãe: É. Muito fechado.

Entrevistador: Podia dar um exemplo desse radicalismo.

Filho: Não... se eu tenho um problema aqui (...) por exemplo, me meti com droga... se eu falar com minha mãe que eu me meti é nenhuma, mas se eu falar com meu pai, pronto (...) pode ter falado o que for, mas ele não vai nem querer saber.

Entrevistador: O que é que ele faria?

Filho: Oxe... no mínimo ia me xingar da cabeça aos pés.

Mãe: Ele toma uma atitude de poder de cima para baixo, ele não quer, ele toma atitude de poder, acabou, eu tenho poder, eu tenho dinheiro, você não vai ter isso, você não vai ter aquilo, vou cortar, entendeu? (...) Porque eu só tenho duas opções, ou eu viro a mesa, pra virar a mesa, eu pensei... os filhos estão

acostumados com o padrão de vida, ia cair muito o padrão de vida. Essa só dificuldade de pagar 600 por mês... aí pensando nisso tudo, mais uma vez pensando neles, porque eu não quero colocar essa responsabilidade, porque uma vez esse daqui (referindo-se ao filho do casal) me chamou e disse assim: “Minha mãe, se você não tá feliz com meu pai... ele tinha 9 pra 10 anos. Ele me chamou e falou: -“Minha mãe, se você não tá feliz com meu pai, você larga, porque se a gente não puder estudar em colégio particular, a gente estuda em colégio público. Mas não fique... como quem diz assim: “Não coloque essa responsabilidade nas nossas costas entendeu? Não pense nem em mim nem em minha irmã”. Ele é uma criança ainda, ele não pensa em mim e na irmã. Não tá bom pra você largue...

Carneiro (1983) define a interação conjugal como o processo de trocas relacionais estabelecidas no subsistema conjugal, ou seja, ente o marido e a mulher e apoia-se em Safir, que considera que os pais agem como modelo básico da relação homem-mulher. Para Minuchin (1980), o sub-sistema conjugal é constituído por dois adultos de sexos opostos unidos numa relação complementar com o propósito expresso de formar uma família.

Beavers e Hampson (1995) recomendam a realização de programas de enriquecimento conjugal como uma forma de propiciar competências interpessoais do casal. Ressaltam os autores a importância de investigações sobre a eficácia desses programas.

Resumindo, *As famílias sem problema* apresentaram estruturas pouco mais estáveis que as famílias com problema; há uma melhor definição da hierarquia e limites; há mais união e menos hostilidade intra-familiar; seus membros participam mais das soluções dos problemas; há uma melhor definição de rotinas familiares; a comunicação é mais congruente, clara e dirigida às pessoas com carga emocional adequada. A afeição física está presente, é aceita e apresenta carga emocional adequada. Há espaço para a manifestação de agressividade construtiva e dirigida adequadamente às pessoas; há mais integração familiar e, concomitantemente, há espaço para o esforço pessoal e a auto-estima; b) os maiores fatores protetores dos dois grupos relacionam-se com a manifestação de afeto e contato físico existentes entre os membros familiares; c) os maiores fatores de risco dos dois grupos familiares referem-se ao vínculo conjugal, pois a maioria dos casais são separados, distantes, ou convivem com muitos conflitos de relacionamento.

CONCLUSÃO

Em síntese, trata-se de pesquisa qualitativa e limitada à investigação e compreensão das famílias estudadas, uma vez que o número de casos não foi representativo para análise mais generalizada e conclusiva.

Pela apresentação parcial dos resultados não se pode concluir se os objetivos propostos desta investigação foram alcançados. Falta a análise comparativa entre os instrumentos EFE, questionário de Hernandez e Genograma, a correlação dos instrumentos utilizados com o critério da escola referentes às famílias com problema e famílias sem problema que serão realizadas posteriormente.

A análise dos resultados parciais, contudo, sugere que as famílias sem problema são mais resilientes que as famílias com problema, e estas, por sua vez, encontram-se mais próximas aos limites da vulnerabilidade. Apesar dos resultados da EFE não apresentarem diferenças estatísticas significativas, o instrumento mostrou-se sensível para revelar a tendência das famílias com problema e sem problema formarem dois grupos distintos. O grupo de famílias sem problema obteve médias mais elevadas na maioria absoluta das categorias da EFE. Acredita-se

que a validade estatística poderia ser obtida com um número representativo de casos, otimizando-se as entrevistas preliminares para a seleção dos dois grupos familiares nas escolas.

Os estudos revelaram que os conceitos de resiliência e vulnerabilidade aplicam-se às famílias estudadas de maneira dialética e não estática. As famílias sem problema, embora sejam predominantemente resilientes, apresentam alguns indicadores próximos aos limites da linha média da vulnerabilidade, como a fragilização do vínculo conjugal, enquanto as famílias com problema, apesar de mais próximas dos limites da vulnerabilidade, dispõem de vários fatores protetores entre os quais a afeição física existente nas famílias.

Recomenda-se aos dois grupos familiares, do ponto de vista preventivo, a promoção da resiliência, ou seja, maximizar os fatores protetores e excluir ou minimizar os fatores de risco. Por exemplo, convém destacar a unidade conjugal do contexto familiar, tornando-a, na medida do possível, mais diferenciada, gratificante e com espaço para a individualidade dos cônjuges.

Sugere-se a realização de estudos comparativos, com um número mais representativo de casos e com famílias de outras classes sociais a fim de obter resultados mais confiáveis e extensivos a outros grupos de famílias. O estudo confirma a importância da EFE para a investigação dos perfis de famílias resilientes e vulneráveis, tendo em vista o trabalho preventivo das famílias.

REFERÊNCIAS

BEAVERS, W.R. e HAMPSON R. B. **Famílias exitosas**: evaluación, tratamiento e intervención. Traducción de Fernando Inglés Bonilla. 1ª edición. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1995. 322 p.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar. complación de Maurizio Andolfi y Marcella de Nichilo. Barcelona: editorial Paidós, 1991.

CARNEIRO, T. F. **Família**: diagnóstico e terapia. Rio de Janeiro: Zahar: 1983. 130p.

CARTER, B. & MCGOLDRICK **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma Estrutura para a Terapia Familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 510p.

CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. **Dinâmica de Grupo**: pesquisa e teoria. Tradução de Dante M. Leite e Miriam L. M. Leite. 5. ed. São Paulo: Herder, 1975. 1032 p.

CARVALHO, M.C.B. (Organizadora). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2002.122 p.

CERVENY, C. M.O & BERTHOUD, C.M.E. **Família e Ciclo Vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo, Casa do Psicólogo: 1997. 205 p.

DONATI, P. **Manuale di sociologia della famiglia**. Roma-Bari: Laterza, 1998.

FALICOV, C.J. **Transiciones de la Familia**: Continuidad y Cambio en el Ciclo de Vida. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. 381 p.

HERNÁNDEZ, A. **Família y Adolescência**: Indicadores de Salud. Manual de Aplicacion de Instrumentos. 2 .ed. Washington, W. K. Kellogg Foundation: 1996. 51p.

JUNQUEIRA, M.F.P. da S. e DESLANDES, S.F. **Resiliência e maus-tratos à criança**. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, nº 1. Rio de Janeiro. Jan/fev. 2003.

MERINFELD, É. G. A Abordagem Estrutural na Terapia Familiar. In: Elkaïm, M. **Panorama das Terapias Familiares**. Tradução de Eleny Corina Heller. São Paulo: Summus, 1998. p. 225-58.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento & Tratamento**. Porto Alegre: Artes, 1980. 238 p.

OLSON, D. H. Tipos de Família, Estrés Familiar y Satisfacion com la Família: una Perspectiva del Desarrollo Familiar. In: Falicov, C. J., **Transiciones de la Família – Continuidad y Cambio en el Ciclo de Vida**. Tradução de Zoraida J. Valcárcel. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 99-129

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão**. Bauru, SP: EDUCS, 2003. 230p.

PITTMAN, F. S. Crisis familiares previsibles e imprevisibles. In: Falicov, C.J. **Transiciones de la família**. Tradução de Zoraida J. Valcárcel. Buenos Aires: Amorrortu, 357-380 p., 1991.

QUINTERO, M. La resiliencia: um reto para trabalho Social. Por qué lloran tanto las nubes y cada vez son mas alegres? Disponível em: ucr.cr/~trasoc/a1/cc-virtual-doc 02.html-31k. Coletânea de artigos e textos sobre resiliência, acessados na Internet em 2001.

SILVA, C.N. **Como o câncer (des) estrutura a Família**. Tese (doutorado em medicina) Faculdade de Medicina Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1977 249 p.

VANISTENDAEL, S. **Resiliência: como crescer superando os percalços**. Trad. de José Claret Leite Cintra. São Paulo: Indica, 1999. 60 p.

WALSH, F. - **Strengthening family resilience**. New York: The Guilford Press, 1998. 338 p.

WALSH, F. **Normal Family processes**. 2 ed., New York/London: The Guilford Press, 1993. 511 p.